

humanitas

Vol. XVII–XVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

J. M. L.

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XVII E XVIII



COIMBRA
MCMLXV · LXVI



DOIS ANTROPÓNIMOS GREGOS

I — EPITECARTVS EM PTOLOMEU

Dos dois antropónimos que brevemente estudarei nesta nota, o primeiro, *Epitcartus*, nunca existiu.

Mas aparece ainda em edições modernas a dificultar o estudo de Ptolomeu àqueles que, precisando de consultá-lo, não podem ler directamente o texto grego. Para esses o geógrafo Epitcartus, forjado sobre uma leitura defeituosa do numeral *εππὲτ ἄρτος*, é um escolho de respeito.

O caso não é único. Sabe-se como de uma leitura errada da palavra *δημωνργον* surgiu, há séculos, uma divindade pagã toda-poderosa chamada Demogórgon que veio da Idade Média para as literaturas modernas, entre elas a inglesa, onde teve larga difusão, daí a recolhendo Fernando Pessoa (1).

Um autor francês chamou a Demogórgon «o barbarismo feito deus» (2).

Epitcartus aparece do mesmo modo na única tradução completa da *Geografia* de Ptolomeu, em língua inglesa, publicada em 1932 pela New York Public Library (3).

(1) Cf. *Demogórgon em Fernando Pessoa*, pelo autor deste artigo, em *Panorama*, n.º 5, IV Série, Março de 1963.

(2) MAURICE CASTELAIN, *Demogorgon ou le Barbarisme Déifié* in *Bulletin de l'Association Guillaume Budé*, n.º 36 (Juillet 1932), pp. 22-39.

(3) Segundo amável informação do Prof. Doutor Armando Cortesão. O título da obra que, graças ao Doutor Cortesão, pude consultar no original, é *Geography of Claudius Ptolemy translated into English and edited by EDWARD LUTHER STEVENSON, Ph. D., Litt. D., LL. D. Based upon Greek and Latin manuscripts and important late fifteenth and early sixteenth century printed editions. Including reproductions of the maps from the Ebner manuscript, ca. 1460. With an Introduction by Professor JOSEPH FISHER, S. J.* New York, The New York Public Library, 1932.

Os três passos cuja ocorrência verifiquei, ao ajudar o Prof. Doutor Armando Cortesão na interpretação do texto grego, pertencem aos capítulos XX, 5; XXI, 2 e XXIV, 2 do livro I da *Geografia*.

Aí o autor americano traduziu sistematicamente *κατά τον... ἐπιτέταρτον ἔγγιστα λόγον* dos capítulos XX e XXI e *διὰ τον ἐπιτέταρτον ἔγγιστα λόγον* do capítulo XXIV (em que *ἐπιτέταρτον λόγον* significa a fracção de $5/4 = (1 \frac{1}{4})$ ou a proporção de 5 para 4) por expressões como «he follows the method of Epitcartus» (XX), «who followed Epitcartus» (XXI), «as it is measured by Epitcartus» (XXIV).

Onde a personificação de *ἐπιτέταρτος* na tradução de Stevenson mais clara se torna, é no capítulo XXI, por vir o adjectivo em seguida ao nome próprio Marinus: «[...] ὡς ο *Μαρίνος ποιεί, τουτέστι κατά τον ἐπιτέταρτον ἔγγιστα λόγον* [...]»*, passo que equivale a «como faz Marino, isto é, com muita proximidade d.e uma relação de cinco para quatro». Este pequeno trecho é traduzido pelo Dr. Stevenson, assim: «following in this Marinus who followed Epitcartus».

A tradução latina do século xv, que consultei, a saber, a do códice Ebner da New York Public Library (1), reproduzida no «opus Domini Nicolai Germani» (2), verte *ἐπιτέταρτος* por *epitetartus* ou ainda por *epitcartus*, palavras inexistentes em latim, facilitando assim a confusão, tanto mais que os manuscritos e os incunábulos geralmente não empregam maiúsculas para distinguir os nomes próprios.

A versão de *ἐπιτέταρτος* em latim é *sesquiquartus* ou *superquartus*. Pedro Nunes que utilizou a tradução latina de Pirckeym, de 1525 (3), verteu o *ἐπιτέταρτον λόγον* de Ptolomeu, através da «sesquiquartam rationem» do tradutor alemão, por «proporção sesquiquarta», deixando em português um adjectivo abstruso, mas correcto.

(1) Ptolemy MSS; de Ricci 197.

(2) «Impressum Vime opera et expensis Iusti de Albano de Venetiis per Provisorem suum Iohannem Reger. Anno Domini MCCCCLXXXVI. XII Kalendas Augusti», diz-se no cólofon.

(3) *Claudi Ptolemaei Geographicae Enarrationis libri octo* BILIBALDO PIRCKEIM HERO interprete. *Annotationes Ioannis de Regio Monte in errores commissos a Iacobo Angelo in translatione sua.*

Para Pedro Nunes, ver: *Academia das Ciências de Lisboa, PEDRO NUNES, Obras, vol I, Tractado da Sphera á Astronomici Introductora de Spaera Epitome.* Imprensa Nacional de Lisboa, MCMXL, p. 135 e segs..

Para um estudo mais pormenorizado do assunto, nas suas implicações cartográficas, recomendo a leitura das páginas que o Professor Armando Cortesão dedica a este caso no capítulo 2.º do vol. I do seu livro em preparação, *História da Cartografia Portuguesa*.

II — CALIMERVS EM CONIMBRIGA

Um dos mais variados mosaicos de Conimbriga tem ao centro um círculo em que, sobre o fundo azul do céu onde sobressaiem grandes estrelas amarelas, corre à desfilada uma quadriga que arrasta o carro do sol.

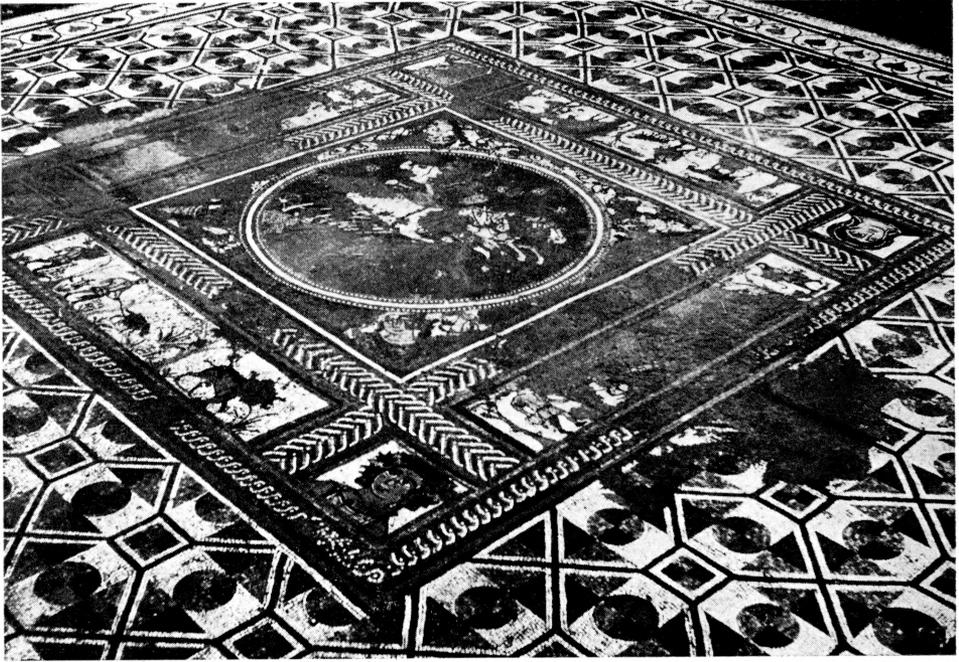
Em torno, uma moldura em quadrado, com uma cabeça feminina em cada um dos quatro cantos (as estações do ano), está preenchida por cenas de caça: homens de túnica curta, uns com armas, outros com cães; um javali em fuga; um cavalo levado pela arreata, a fechar um dos grupos; e do lado de um caçador que vai ao encontro dos outros, e cujo nome vou identificar como grego, há restos das malhas de uma rede de caça. Sem esforço, logo ocorre ao observador latinista o passo horaciano sobre as predilecções dos homens:

..... *manet sub loue frigido*
Venator tenerae coniugis immemor,
seu uisa est catulis cerua fidelibus
seu rupit teretes Marsus aper plagas (1).

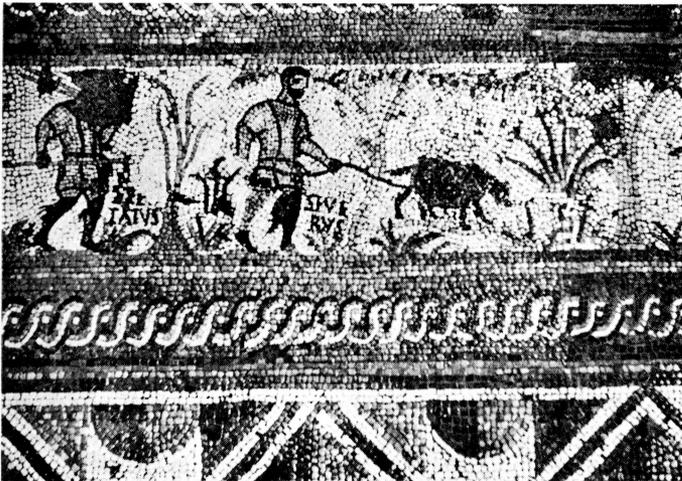
Além deste homem isolado que caminha em sentido contrário dos restantes, dois outros têm o seu nome inscrito no mosaico. Mas destes nomes, um não oferece qualquer dificuldade. Escrito em duas linhas, lê-se facilmente SEVE/RYS.

(1) «...fica ao ar frio o caçador, esquecido da juvenil esposa, quer seus cães fiéis tenham avistado a corça, quer tenha rompido as bem tecidas redes marso javali». (*Odes*, I, i, 25-28).

Sá de Miranda lembrou-se deste passo na égloga *Basto*, mas tal não ocorreu ao comentador da edição Sá da Costa.



I — VISTA GERAL DO MOSAICO



II



III

(Fotografias de A. C. R.)

O nome do seu companheiro, também em duas linhas, é um pouco mais difícil de ler, mas creio que o Dr. Bairrão Oleiro está no bom caminho, quando interpreta SPEC ;/TAT VS. Está lá a parte inferior do E, incluindo o traço transversal, e o espaço para o C, cuja parte inferior ainda se suspeita, na observação directa do mosaico.

Destes dois nomes latinos, o primeiro é muito frequente na tradição tanto literária como epigráfica de Roma, encontra-se com frequência na Lusitânia e só em inscrições de Conimbriga aparece mais duas vezes (1).

O segundo, embora muito menos frequente, não é desconhecido na Onomástica romana, como pode verificar-se nos dicionários latinos.

É, portanto, com o terceiro nome, o do caçador em movimento de encontro, que a presente nota tem que ver.

Está inscrito em três linhas: C/II/ME/RVS.

O segundo sinal alfabético é um *j*(sem traço de união, como em SPECTATVS, (ver as fots. II e III), mas um pouco mais apertado e com a perna do lado do I alongada para a base dessa letra. Trata-se, portanto, de um nexu AL.

O R está incompleto, faltando-lhe o traço vertical à esquerda, mas pode seguir-se com alguma nitidez, no local, o contorno da metade direita da letra, quer o arco da parte superior, quer o traço oblíquo da parte inferior. Leio, portanto, CALIMERVVS, um nome grego escrito em caracteres latinos, e portanto representativo da cultura greco-latina que era a do Império de Roma. O seu original grego é, portanto, ΚΑΛΗΜΕΡΟΣ, um adjectivo composto grego, usado na poesia, e como antropónimo, em inscrições.

O texto poético em que ocorre, é da *Anthologia Palatina* e, embora o significado de καλή μέρος «que traz um bom dia» não ofereça dúvidas, o epigrama pode referir-se quer a alguém que tivesse tal nome, quer a uma pessoa cujo encontro «traz um bom dia» àquele que a encontra:

*Όταν θέλτι τις ή μέραν Ιδείν καλήν,
συντυγ χάνων σοι γίνεται καλή μέρος'
τουναντίον δε καί τις εί θέλοι παθείν,
μή συντυχόν σοι γίνεται κακήμερος (2).*

(1) Cf. a dissertação de licenciatura, dactilografada, de MARIA DE LOURDES RODRIGUES, *Antroponímia Romana da Lusitânia*, Coimbra, 1958, p. 348.

(2) *Anth. Pal.*, IX, 508, de Páladas: «Quando alguém quer ver um dia belo (ήμέραν...καλήν), encontrando-se contigo, fica com um belo dia (καλήμέρος). Mas

Do ponto de vista morfológico, o composto é dos mais simples, formado de *καλή* «belo» e *ἡμερα* «dia». Do ponto de vista sintático, pertence à «categoria dos compostos conhecidos por *atributivos* ou *possessivos* ou *indirectos*, em livros franceses ou ingleses, por *exocêntricos* ou *mudados* em livros alemães. Também há quem, usando a terminologia dos gramáticos indianos, lhes chame *bahuvrīhi*» (1).

Resta verificar qual a situação de CALIMERVS na tradição antroponímica greco-latina.

O *Onomasticon* de E. Forcellini, constituído pelos tomos V e VI do *Lexicon Totius Latinitatis*, apresenta o s. v. CALEMERSVS (com as variantes CALHEMERVS, CALIMERVS e KALIMERVS) como «nomen maxime seruorum: a *καλή* pulcher u. bonus, et *ἡμερα*, dies» e cita o C.I.L. 8.2929 (Lambaesi). Indica ainda o feminino CALEMERA (*Καλημέρα*) como nome de mulher e remete para o C.I.L. 14.647 (Ostia).

Ora CALEMERA também se encontra na Lusitânia (2) e até em território português, numa inscrição do concelho de Olhão, arquivada em C.I.L. 2 (*Suppi*), 5146.

Por outro lado, tanto CALEMERSVS (ou CALIMERVS) como CALEMERA pertencem já à tradição onomástica das inscrições gregas,

se alguém quiser que lhe aconteça o contrário, não se tendo encontrado contigo, fica com um mau dia (*κακήμερος*).

É curioso notar que o *Calimerus* de Conimbriga também está na situação de se encontrar com outros caçadores.

(1) Cf. A. Costa Ramalho, *Δίπλα Ὀνόματα νό Ἐπίτοιο Ἀριστόφανος*. Coimbra, 1952, p. 140.

(2) Cf. Maria de Lourdes Rodrigues, *Opus Laudatum*, p. 144.

O texto vem publicado em *Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum* edidit AEMILIUS HÜBNER, MDCCCXCII, p. 784, com o número 5146: D.M.S./CALEMERA/VIX. ANN. XXIII/MENS. VIII D. X/H.S.E.S.T.T.L..

É a mesma inscrição que foi publicada por BORGES DE FIGUEIREDO na *Revista Archeologica* III (1889), p. 123, com a leitura CACEMERA que me parece nome pouco auspicioso para mulher. Hübner, que viu um «ectypum» da inscrição, leu CALEMERA. Portanto, a entrada CACEMERA, na dissertação de Maria de Lourdes Rodrigues, deve ser suprimida.

Existe um liberto AGATHEMERVS numa inscrição de Itálica (hoje Santiponce perto de Sevilha), registada com o n. 5382 no *Inscriptionum Hispaniae Latinarum Supplementum* de Hübner. A AGATEMERA citada por M. L. Rodrigues, se existe, não se encontra no local indicado na dissertação.

como pode ver-se, por exemplo, em August Fick(1), p. 136, ou em W. Pape (2), s. vv. *Καλή μέρος* e *Καλημέρα*.

Quanto à evolução fonética do som representado por *η* em grego (*Καλή μέρος* = Calemerus = Calimerus) e que de [è] passou a um fonema [i], ela reflecte a evolução normal dentro do grego, sendo, como é sabido, essa a situação fonética no grego moderno onde «bom dia!» se diz *Καλημέρα* (pronunciado *kaliméra*). A pronúncia [i] do *η* existe desde a época helenística (3).

Creio, portanto, que o caçador de Conimbriga se chamava CALIMERVS (com acento na antepenúltima) e que o seu nome é mais um a juntar a outros casos de onomástico grego ali existentes (4).

AMÉRICO DA COSTA RAMALHO

(1) *Die Griechische Personennamen nach ihrer Bildung* erklärt und systematisch geordnet von AUGUST FICK. Zweite Auflage bearbeitet von FRITZ BECHTEL und AUGUST FICK. Göttingen, 1894, p. 136.

(2) *Wörterbuch der griechischen Eigennamen*. Dritte Auflage neu bearbeitet von Dr. GUSTAV EDUARD BENSELER. Braunschweig, 1911.

(3) MICHEL LEJEUNE, *Traité de Phonétique Grecque*. Paris, 1947, p. 207.

(4) ATIMETVS, CALE, CALLIOPE, CHRYSIS, EPHESI VS, etc..